



HOO-KIU-SHAN.

A arte de adornar um edificio na China não é mais comparativamente do que a empregada pelos europeus na confecção da mobilia ou de objectos de luxo caprichoso; e de facto ali tratam da decoração dos edificios como nós de uma guarda-roupa ou de um armario de loiça; o que entendem ser belleza é a precisão, e acieio do trabalho; envernizam as columnas, dão colorido nos tectos, pintam todas as paredes; as côres mais lindas e brilhantes e mais inalteraveis constituem o principal merecimento dos palacios reputados mais formosos; mesmo nas figuras o menos a que attendem é ao desenho, todo o seu enlevo é no esplendor das côres. Os materiaes que empregam são madeira, tijolo, alguma pedra, e ferro; e não é a falta de boas cantarias e marmores que torna raras as construcções d'este genero, nem tampouco é o receio da despeza, porque a prodigalidade dos imperadores não admite esta ultima supposição, e até as ruas de algumas cidades são calçadas com marmores de diferentes castas que abundam em todas as provincias. Dão por motivo o receio de terremotos; mas parece que tambem se oppõe a essas construcções o clima. Os proprios palacios dos imperadores são de pouca importancia pelo lado

da architectura, porque os chinas fazem consistir a grandeza só na quantidade, e este gosto explica-se tambem pelos seus usos e costumes: os imperadores, por exemplo, teem um serralho, e as suas mulheres habitam casas separadas umas das outras, cada uma com suas dependencias particulares; a saber, officinas, jardins com seus lagos, e mais accessorios. A casa de campo do imperador, denominada Hoo-Kiu-Shan, pode ministrar idéa do singular aspecto d'esta reunião de edificios.

M.

A FLORA.

(EPISODIO MARITIMO.)

I

«Tudo ameaça inevitavel p'riço;
Tudo apresenta aos pavorosos nautas
Miserrimo naufragio, abysmo, e morte.»

ELPIÑO DURIENSE.— *Sobre o Infante
D. Henrique.*

As tribulações, com que a Providencia castiga a audacia humana pelas solidões do mar, não

MAIO, 9, 1857.

as viu todas a imaginação de Gessner; nem Cooper—o Walter-Scott do Novo-Mundo—chegou com a arrojada phantasia á verdade, que nós vamos, se pudermos, apresentar, sem enfeites posições que a desfigurem, sem flores intempestivas que a desornem, disfarçando-lhe a terribilidade.

O successo, que vamos expôr, até na memoravel *Historia Nautica Tragico-Maritima* se apontaria como raro; e entretanto muitos dos que nos hão de ler o sabem como quasi testemunhas.

Nunca se viu a constancia mais heroicamente a braços com a adversidade; nunca o genio do homem triumphou mais nobremente da natureza! Assim, a modesta corôa que procuramos cingir com mãos desinteresseiras á memoria de dois Argonautas, que talvez já hoje não são dos vivos, não será inteiramente inutil. Pondo n'ella os olhos muito esforço quebrantado se reanimará porventura, e em muitos lances, d'esses em que o animo aturdido com o repentino, com o insolito, com o monstruoso dos trabalhos costuma succumbir, o exemplo de *Moraes*, e *Trajano* fará nascer da ousadia a esperança, da esperança a força, e da força o livramento.

A barqueta *Flora*, communmente denominada *Espada-de-ferro*, era uma pequena embarcação só destinada á communicação da ilha de San-Miguel com a de Santa Maria, nos Açores. O seu trafego era andar trazendo das pedreiras da ultima, para os fornos de cal da cidade de Ponta-delgada, na primeira, material necessario ao seu consumo. Quem tiver visto os barcos de serviço dos portos michaelenses, a que os naturaes chamam *da varregação*, melhor idéa formará do fragil batel, escusando-nos a pintura. Falahemos, comtudo, não só para complemento d'esta memoria, mas para que mais devidamente se admire, á vista da pequenez do lenho, a constancia, que por tanto tempo resistiu ao furor das tormentas, e que a salvamento o poz no Tejo.

Fôra a barqueta nos seus principios uma lanca de carga e descarga no porto de Ponta-delgada, e depois transformara-se em barco de onze toneladas, com sua coberta, trajando galas de yacht. Pertencia a Alexandre Pereira de Moraes.

Fizera já esta pequenina vela com prospero successo varias excursões até á vizinha ilha de Santa Maria, sómente mareada por Moraes, na qualidade de mestre; seu irmão Jeronymo Luiz de Moraes Pereira Trajano, distincto nautico, alma temperada de semi-estoicismo pela escola dos mares; e um moço appellidado Buzio Canhoto.

Iamos pelo anno mil oitocentos trinta e nove. Pelas cinco horas da tarde do dia dezoito d'Outubro, soprando um impetuoso nordeste, largava do porto da Calheta de Ponta-delgada a nossa *Flora*, com a sua invariavel tripulação, passando pela pôpa da corveta nacional *D. João I* fundeada em frente do castello de San-Braz, encaminhando-se ao seu até então immutavel destino.

Sobre a manhã do dia immediato, dezenove,

começava a tempestade a manifestar-se para a parte do noroeste, com seu semblante azul ferrete, quando a barqueta, com menos de doze horas de viagem conseguiu tomar na ilha de Santa Maria o surgidoiro da villa do Porto onde ancorou.

Ali os deteve o vento até á tarde de vinte. Então, favoreceu-os para correrem a leste da ilha ao porto de San-Lourenço, aonde chegaram na manhã seguinte, e se conservaram até vinte e tres: pelas duas horas da madrugada com vento fresco, por lhe rebentar a pequena amarra, buscaram com incontestavel risco das Formigas um abrigo pelo nordeste da ilha, passando a oeste d'aquelles baixos, com as velas totalmente rinzadas, precaução necessaria ao nenhum lastro que havia o barco, e aos marouços do canal, perigo de que um sudoeste repentino acabou de libertal-os.

Para a ilha de San-Miguel os impelle o vento. Avistam-na em tempo escuro, pelas sete horas da manhã do dia vinte e quatro. As tres da tarde passam em frente do porto do areal de San-Francisco, de Ponta-delgada, e, com receio do vagalhão da costa, temendo entrar n'este ponto, puxam para leste da bahia, cuja ponta, a da Galé, montam não sem custo.

Tres dias se conservaram á capa ao sul de Villa-Franca-do-Campo, até que na manhã de vinte e seis, sobrevindo um forte oesnoeste, e buscando tomar a bacia do ilheo d'aquella villa, lhe rebentam as driças da vela grande, pelo que, correndo ao longo da terra, demandam abrigar-se com a ponta da villa do Nordeste, onde repararam os estragos havidos; volvendo na manhã de vinte e oito ao porto do Fayal-da-terra, que não podem tomar, fundeando, e com alguma difficuldade, distante da costa, pelo fim da tarde do dia vinte e nove.

A extrema mingua de mantimentos lhes fez adoptar o costumado expediente d'annunciarem perigo com a bandeira ácolha. Resultou d'isto serem procurados por cinco homens em um batel, que para isso muito se expoz. É n'este jeque que tomam passagem o mestre da *Flora*, e o moço Buzio Canhoto, e vão a terra refazer-se de comedorias, ficando entretanto a barqueta entregue ao piloto Trajano.

Tem em si o perigo certa fascinação, que attrahe os animos heroicos, mas que repelle sempre os corações vulgares e pusilanimos. O marinheiro, que até ali acompanhou os dois irmãos, julga-se desatado de qualquer dever ao pisar o solo michaelense. Olha para os mares; calcula pela sua pratica as probabilidades; dá por inevitavel o perdimento de quem se lhe aventure; foge!

Moraes desamparado e só, vae bater á porta de Manuel Francisco de Rezende. N'essa casa encontra algum soccorro para a occasião—cinco broas, um pão de trigo, e uma cabaça de vinho, não esquecendo uma pedra volumosa destinada a melhor fundear a barqueta—sendo-lhe

promettida para a manhã seguinte mais abastada matalotagem.

Facil é de presumir a que ponto não subiria a impaciencia do dono do barco, logo que embalde esperara pelo moço até ás seis horas da tarde!... Via-se reduzido, para não desamparar a embarcação, a contar apenas com seu irmão, sobre cuja intrepidez não cabiam duvidas. Animou-se a tornar para bordo, levando os poucos viveres que alcançara, e a pedra que laboriosamente se affeioou para a ancoragem.

Pouco havia desde que os dois irmãos, refazendo-se de tamanhas fadigas eram a ponto de olvidar os passados perigos, quando um imprevisito accidente os fez acordar d'essa especie de lethargo. A maré corria pressurosa, e a *Flora* esteve em lances de se ir fazer pedaços contra os rochedos, garrando para leste, ao que ainda felizmente se pôde acudir fazendo-se de vela, e correndo, por impulso d'um fortissimo oesnoroste, á ilha de Santa Maria, aonde chegou no dia immediato, penultimo do mez d'Outubro, abrigoando-se na bahia do Santo-Espirito.

Pelo fim da tarde desembareando o mestre nada mais pôde do que procurar o professor d'ensino simultaneo d'aquella freguezia, João Evangelista — natural da Madeira — e pedir-lhe soccorros na aquisição d'alguns mantimentos, ao que elle se prestou, promettendo-lh'os para o seguinte dia. Volvendo Moraes n'esta esperanza para bordo, e conservando-se ao abrigo da terra, faltando-lhe infelizmente a provisoria amarrasinha, pelo quarto d'alva do dia trinta e um, deram a pôpa em arvore secca á vehemencia da procella do noroeste, sem comedorias algumas, no rumo da ilha da Madeira, em cujo caminho, fazendo tres singraduras, andaram perto de duzentas e sessenta milhas.

Na madrugada de tres de Novembro rondou o vento ao sudoeste, compellindo d'est'arte os dois infelizes navegadores a arribar, e deixar-se especialmente conduzir pelas laboriosas vagas, e pelo acaso do tempo, tão mudavel entre os canaes açorianos na estação invernososa. N'esta volta passaram obra de vinte leguas ao oriente das Formigas.

Em seis do mesmo mez na proximidade da ponta do Nordeste da ilha de San-Miguel se desenvolveu uma horrivel tormenta do oesnoroste, que forçou a barqueta a correr á popa, só com um pequeno bolso de panno de proa. Foi então o primeiro periodo da afanosa e perigosissima crise d'este quasi naufragio. O piloto Trajano, ainda que mais acostumado ao aspecto medonho d'uma tempestuosa navegação, conhecedor do eminente perigo a que era exposto, não pôde comtudo dissimular-se a tal ponto, que não deixasse a seu irmão companheiro ler-lhe no rosto carregado uma amostra de seus secretos temores. Estes momentos eram pavorosos no meio d'um lenho aventureiro, entre os amortecidos corações de dois irmãos!... Nada por certo melhor pinta o desfallecimento que os acompa-

nhava, entre o abysmo e a esperanza, do que este simples e natural trecho d'uma carta de Trajano: — «O pobre Alexandre arregalava os olhos e olhava para mim, quando vinham aquellas seras de mar pela nossa pequena pôpa... queria chorar... tolhia-se-lhe a voz... e dizia — *oh! Jeronymo... Jeronymo... é agora...* — e eu fazendo-me mais forte do que as circumstancias permittiam, dizia — *não é nada, esconde-te para o porão, ou amarra-te para o mar te não levar.*»

Eram agora chegados á maior penuria! Faziam caminho de Lisboa, e no dia onze tinhamse acabado uma mui pequena porção de cuscús que levavam da ilha de Santa Maria para um particular de San-Miguel, do qual, depois de muito tempo e forçados pela necessidade haviam lançado mão, quando já estava no estado d'ardido.

Até quatorze — tres dias que decorreram desde onze — nada tiveram que comer ou beber, utilizando-se para satisfazer a esta ultima e poderosa precisão, d'alguma agua aparada no concavo d'uma vela na occasião d'aguaceiro. Foi n'este dia que começou de abonancar, e pelas onze horas da noite se fixou o vento do noroeste, com cujo sopro se encaminharam positivamente ao reino.

Continua.

JOSÉ DE TORRES.

VINGANÇA POR VINGANÇA.

Continuação.

V

MYSTERIO.

Filippe Tranqueira seguia, engolphado em profundas cogitações, o guia mysterioso, que, caminhando em silencio adiante d'elle, parecia apressado em chegar ao seu destino.

Outro homem acompanhava o Tranqueira, lado a lado, olhando-o suspeito e desconfiado.

Já era bom caminho andado, e nem um, nem outro lhe tinham dirigido, sequer, uma falla.

Tranqueira, que era amigo de palrar, aventurou ao companheiro algumas d'essas phrases banaes, que, nada significando, servem para travar conversação; porém não recebia resposta nenhuma.

Enfadado por aquelle silencio, lançou mão vigorosa ao braço do desconhecido, e sacudiu-o com força.

Este, tomando a acção de Philippe por um acto de accommettimento, fez relampejar um punhal, que trazia escondido entre as vestes.

O nosso homem, que não esperava tão rude arrebatamento, tratou de o tranquillisar com palavras brandas e macias, explicando-lhe que não

(*) Do num. 11.

tivera intentos de o *accommetter*, e que só desejava matar o tempo conversando com elle.

Grande pasmo foi o seu, vendo que o companheiro continuava calado.

Encolheu os hombros despeitoso, propondo-se a seguir caminho sem dar mais palavra, quando reconheceu que o personagem que o acompanhava era mudo. Os signaes que este fazia para o induzir a seguir tranquillo, sem o incomodar com perguntas inuteis, por tal lh'o deram a conhecer.

O individuo que marchava na frente, e fallara com Samuel, entendeu que alguma coisa se passava á sua rectaguarda, pelo som rouco e gutural que o mudo soltara quando guardara o punhal.

Parou, e quando os outros dois se lhe juntaram, disse para o Tranqueira:

—Vamos lá, sr. Philippe, que não é de cortesia atacar a quem vos não quer mal.

—Ao contrario de o *accommetter*, rogava-lhe que caminhassemos conversando em boa paz.

—Como quereis que converse o pobre Damião, que nasceu surdo e mudo?

—Deverieis ter-me prevenido, que escusado seria então de incommodal-o, e incomodar-me.

—E quando havia dizer-vol-o, se ainda não trocamos palavra?

—É verdade; e eu bem desejara fallar-vos, para conhecer a qualidade de serviço que devo prestar.

—Sobre esse ponto, sr. Philippe, nada por ora vos posso dizer. De outra bocca, que não da minha, o sabereis.

—Bem está, que hoje é a noite dos mysterios. Não tereis, porém, duvida em dizer-me para onde imos?

—É facil de conhecer o caminho. Não vêdes que nos inclinamos para o mar?

—Acaso teremos de embarcar!?

—Sem duvida; e é no rio, sobre as formosas aguas do Tejo, mas que em Janeiro não podem ser appeteciveis, que conhecereis o segredo d'esta aventura.

—Vá de feito, que para tudo aqui me tendes aparelhado.

Assim fallando chegaram á beira do rio.

O som agudo e penetrante de um assovio feriu os ares, e logo outro som igual lhe correspondeu do meio do Tejo.

—Temos de esperar um pouco pela barca, disse o companheiro de Philippe.

—Parece-me pouco ajuizado, aventurou o Tranqueira, embarcarmos por uma noite d'estas, que ameaça outra trovoadas como a da tarde.

—Mas é forçoso que embarquemos.

Philippe dizia bem; a atmospherá estava carregada, e o vento principiava a soprar do sul com espantosa violencia.

Repentinamente o vivo fulgor do corisco illuminou os ares, e á sua claridade viu-se uma barca remando para a praia.

A barca tocava em terra quando o estampido de um trovão rebombou no espaço.

Continua. ***

AS RUINAS.

Ruinas solitarias! tristes sombras,
Espectros d'essas antigas nações!
Eu sinto ao meditar-vos mil saudades,
Amargas e fataes recordações! . . .

Outr'ora esses imperios invenciveis,
Cidades e nações tão poderosas!
E hoje resta só de tal grandeza,
Ruinas e lembranças dolorosas! . . .

Carthago e Babylonia destruidas,
Restando apenas d'ellas a memoria;
Immensas maravilhas possuiram,
Tão grandes, que rivaes não tem a historia!

Na Asia essa Palmyra tão famosa,
Tão rica e opulenta n'outras eras!
Agora abandonada. . . já sem vida,
Servindo de guarida só ás feras! . . .

Pompeia e Herculanium sonhariam,
Que um dia haviam ser no pó lançadas?
Se alguém lhe predissesse um tal futuro,
Seriam taes palavras escutadas?! . . .

Que os tyrannos vos vejam, e conheçam
Que todas as grandezas d'este mundo,
O tempo estragador vae destruindo,
Lançando no abysmo o mais profundo! . . .

Dos grandes a soberba de que serve?
De que servem os odios e ambições? . . .
Se um dia tudo finda, tudo acaba,
Se tudo morre apoz as gerações! . . .

Ao ver, ao contemplar tantas ruinas,
Ás horas em que vae findar o dia;
O peito sente amarga anciedade,
Respira tudo só melancolia! . . .

Ruinas solitarias! . . . tristes sombras,
Espectros d'essas antigas nações! . . .
Eu sinto ao meditar-vos mil saudades,
Pungentes e fataes recordações! . . .

J. A. X. DE MAGALHÃES.

ILHA DAS SERPENTES.

Da parte de fora das boccas do Danubio, obra de vinte milhas, está situada a pequena ilha das Serpentes, que parece collocada ali pela Providencia para marcar a entrada do grande rio, cujas praias são baixas e perigosas para os navios que se lhes aproximam.

Aqui foi a primeira arribada da esquadra dos aliados que conduziu as tropas á Criméa; e ainda ha pouco foi este pequeno espaço de terra, semeado com outros ilheos menores ainda n'aquella paragem do mar Negro, objecto de contestação, porque os russos o tinham occupado arvorando ou restabelecendo um pharol para lhe servir de pretexto afim de terem ahi um destacamento militar, e espiarem e dominarem d'algum modo as boccas do Danubio. D'estas as que são accessiveis a navios de algum porte maior contam-se tres, a de Kilia ao norte, a de Sulina no centro, a de Khas-Flias ou de S. Jorge ao sul; Sulina é o braço mais consideravel d'este rio, o

maior da Europa, e é tambem o caminho que tomam de ordinario os navios; os russos estavam de posse d'esta foz e podiam obstruí-la; o tratado de Paris deixou-a neutral, e livre a navegação para os vasos de todas as nações, vantagem de grande transcendencia, porque é mui importante o movimento commercial em ambas as margens do Danubio.

A ilha das Serpentes acha-se deshabitada, se exceptuarmos o pharol que é mantido pela commissão mixta das potencias que vigiam a execução do tratado recente e a navegação do Danubio; abunda, porém, em caça, e tem uma pequena lagoa na parte mais elevada. M.



ILHA DAS SERPENTES.

IMPrensa PERIÓDICA FRANCEZA.

Conclusão.

II

A imprensa em França não gosa actualmente de verdadeira liberdade, e os jornaes que ainda se publicam em Paris, tiveram de modificar as suas opiniões, mais ou menos exaltadas, para continuarem a subsistir. Hoje nada representam as folhas politicas francezas, porém cada uma d'ellas tem sua historia assaz curiosa, e mesmo rica de episodios. Trataremos de esboçar, com o laconismo que demanda o semanario aonde escrevemos, o mais importante da vida politica de alguns valentes athletas da imprensa moderna, deixando de parte outros que ainda vivem quasi esquecidos, ou que morreram combatendo no seu posto de honra.

O mais antigo dos campeões, que não pereceram na luta, é o *Constitucional*. Alvo da fusilaria de quasi toda a imprensa, mereceu ao

lapis de Cham o mais certo dos tiros, um retrato no *Charivari*. O *Constitucional* apparece ali na figura de um veneravel patriarcha, em muletas, e de barrete branco.

Este jornal data dos primeiros dias da restauração (1815), e diversos homens de estado, e altas intelligencias politicas e litterarias o tem successivamente redigido, sem lhe fazer attingir nunca a importancia de folha *universal*, como elle modestamente se intitula.

Seus fundadores foram Etienne, Jay e Saint-Albin; e este oraculo da burguezia teve successivamente os nomes de *Independente*, *Ecco da tarde*, *Correio geral*, e *Jornal do Commercio*, antes de se fixar, em 1819, no pomposo titulo de *Constitucional*. Thiers e Mignet, que foram seus redactores, desertaram-lhe, em 1829, para irem fundar o *Nacional*, com Armand Carrel; porém outros escriptores distinctos substituiram aquelles; Rémusat mesmo lhe deu alguns artigos avulsos, e ainda hoje apparece assignado nos seus folhetins o nome de Eugenio Scribe.

Depois de 1840, a direcção politica do *Cons-*

titucional voltou á mão de Thiers, porém Achilles Fould, como ministro das finanças de Luiz Napoleão, soube convencer o ultimo proprietario do jornal, o doutor Véron, de que nenhuma politica era tão util á França como a de seu amo.

O *Constitucional* chegou aos paroxismos da morte, como jornal politico, e deveu unicamente a sua salvação ao folhetim. O *Judeu Errante*, de Eugenio Sue, resuscitou, se pode dizer, o *Constitucional*.

O retrato de um dos principaes redactores d'esta folha, que se encontra na *Biographia dos jornalistas*, tem tanta similhaça com pessoas do nosso conhecimento, que não podemos resistir á tentação de o reproduzir, ainda que em miniatura.

Boilay começou o seu tirocinio jornalístico em Clermont, n'uma folha da opposição, e fez-se temido do prefeito da localidade. Reconhecendo a sua vocação, trocou a provincia pela capital, e entrou na redacção do *Corsario*. Thiers, Guisot, e Luiz Filipe mesmo, eram as principaes victimas d'estes ultra-liberaes.

Porém um dia, achou Boilay que não seguia bom caminho, e apresentou-se a Thiers para colaborar no *Constitucional*.

Thiers recebeu Boilay de braços abertos, e ao cabo de dez minutos de conversação estava contentissimo do seu novo conhecimento. Thiers achara o jornalista por excellencia, o escriptor ideal! Boilay não possuia a sombra sequer de uma idéa politica!...

A datar d'esse dia, o novo redactor do *Constitucional* apparecia todas as manhãs em casa do ministro, em busca do thema para o artigo de fundo; e reproduzia no jornal, não só as idéas, mas as palavras de Thiers, até com a mesma pontuação.

Perguntando-se áquelle sabio estadista, qual era a sua opinião acerca de Boilay como jornalista, respondeu: «Não é um jornalista, é um daguerreotypo.»

Boilay continuou a daguerreotypar Thiers enquanto este foi ministro: logo que o viu caído do poder, passou com armas e bagagens para o campo de Guisot, e foi pouco depois condecorado com a *Legião de Honra*.

Sob o regimen de Napoleão o flexivel Boilay foi elevado ao eminente posto de redactor em chefe do *Constitucional*, sob a vigilancia do habil doutor Véron.

Passemos agora a tratar do *Nacional*.

Este periodico foi fundado, como dissemos, por Thiers, Mignet, e Armand Carrel, em 1829; mas apenas rebentou a revolução de 1830, os dois primeiros largaram a redacção, e o ultimo ficou só á testa do *Nacional*. Aquelles suppunham terminada a luta, porque não aspiravam a mais do que á constituição ingleza; este considerava-a suspensa, porque entrevia a possibilidade da republica para a França.

Ha quem diga que o rei cidadão respondia

às vezes no *Jornal dos Debates* ao seu mais implacavel inimigo da imprensa, ao unico que elle respeitava e temia, o celebre Carrel.

Morto em duello, por Emile de Girardin, este infatigavel athleta, tomaram Bastide e Littré a redacção do *Nacional*; enquanto Trélat não acabava de cumprir uma sentença de prisão. Pouco tempo depois devolveu este a Bastide a redacção em chefe do jornal, e Armand Marrast, veio coadjuvar o trabalho da folha desde 1837 até á revolução de 1848. N'essa epoca collocouse Leopoldo Duras á frente da collaboração do *Nacional*.

Paulo de Musset, irmão do mimoso poeta Alfredo de Musset, foi um dos activos escriptores d'este temivel periodico, e muitos outros nomes conhecidos, taes como os de Forgues (redactor da *Revista Britanica*), Alberto Terrien, Edmond Robinet, André Cochut, Caylus, e Alexandre Rey, appareceram nas columnas do *Nacional*.

Em 1835 operou-se uma grande revolução na imprensa periodica, com a diminuição do preço da assignatura, publicações commerciaes e folhetim, e foi a *Imprensa (Presse)* que fez desinvolver em maior escala o gosto do povo por este genero de leitura. Só a nobreza legitima comprava a *Gazeta de França* e a *Quotidiana*; só a burguezia reinante lia e pagava o *Correio francez*, o *Jornal dos Debates*, o *Constitucional*, o *Tempo*, e mesmo o *Nacional*; folhas republicanas, como o *Tribuno*, o *Bom-senso*, o *Reformador* e o *Jornal do povo* morriam á nascença, por falta de subscriptores, enquanto todo o povo lia e comprava a *Imprensa* e o *Seculo*, que custavam metade do preço d'aquelles, e davam folhetim, com os romances dos melhores autores francezes.

Posto que a *Presse* fosse desde o seu principio um jornal politico, Emile Girardin, que o fundou, em 1835, comprehendeu desde logo que a sua fortuna dependia mais das sobre-lojas do que do primeiro andar da folha. Por quarenta francos annuaes tinha o leitor romances de Dumas, Sue e Méry, além dos artigos politicos de Girardin e Granier de Cassagnac. O *Seculo*, que começou em 1836, seguiu a mesma esteira, e foi feliz tambem.

Duas palavras acerca de Emile de Girardin. Diz-se que nasceu na Suissa, em 1802 ou 1803, pobre e abandonado. Trabalhando em casa de um banqueiro, escreveu nas horas de descanso um livro intitulado *Emilio*, aonde conta a historia dos seus primeiros annos. Largou depois o commercio, e fundou successivamente dois jornaes, a *Moda* e o *Ladrão*. Em 1828 esposou Delfina Gay, já então celebre como escriptora, e que mais celebre se tornou ainda sob o nome de madame Emile de Girardin. Em 1831 publicou o *Jornal dos Conhecimentos uteis*, que chegou a ter cem mil assignantes; depois o *Pantheon litterario*, e tratou de outras empresas até 1835, epoca do nascimento da *Presse*.

Apoz uma viva polemica com o *Nacional*, ma-

tou em duello, com um tiro de pistola, o intelligente e valoroso Armand Carrel. Passado algum tempo é eleito deputado. Protege Guisot no começo da sua carreira parlamentar; depois guerreia-o de morte. Preso por ordem de Cavaignac, torna-se seu inimigo implacavel; é elle, que propõe a candidatura de Luiz Napoleão á presidencia da republica, e um mez depois de triumphar o seu candidato, declara-se em guerra aberta com elle.

Girardin acaba de comprar a propriedade da *Revista dos dois mundos*.

Texier conta que lhe ouvira estas palavras: Vinte e quatro horas de poder valem mais do que vinte e quatro annos de jornalismo; porém accrescenta que não suppõe que Girardin chegue jámais a ser ministro, porque tem idéas especiaes, e no governo das maiorias só se chega ao poder tendo as idéas de todos.

Além dos escriptores já mencionados, a *Presse* tem-se honrado com a collaboração de Theophilo Gautier, Eugenio Pelletan, e outros autores assaz conhecidos.

O *Seculo* tem contado igualmente no numero dos seus redactores muitas das celebridades litterarias da França.

A *Patria* data de 1841, e foi seu primeiro redactor em chefe Pagès (de l'Ariège). Um anno depois passou a ser propriedade de Delamarre, e tem mudado de politica repetidas vezes.

Já conta bastantes annos de existencia a importante *Gazeta dos tribunaes*, fundada por diferentes summidades judiciaes e politicas, entre as quaes se encontram os nomes de Cormenin, Dupin, e Darmaing.

Não terminaremos este esboceto, sem dedicar duas linhas ao *Charivari*, especie de bobo da imprensa franceza, e que, em companhia de seus irmãos mais moços, o *Journar pour rire* e outros, faz a delicia d'aquelles que não são caricaturados.

Os desenhadores do *Charivari*, isto é os seus principaes redactores, são Daumier e Cham. Daumier, o autor dos *Robertos Macarios*, dos *Representantes representados* e dos *Idyllos parlamentares*, é um artista de grande talento. Cham, filho de Noé, antigo par de França, adoptou aquelle pseudonimo, sob o qual tão conhecido é, lembrando-se do diluvio. Cham é o genio da caricatura, e as columnas da *Illustração*, como as do *Charivari*, se tem aformoseado com os seus primorosos desenhos.

Eis-aqui como era avaliada a imprensa franceza antes do imperio. Hoje, não se repetiriam, com verdade, a seu respeito estas entusiasticas palavras:

«Para quem viu funcionar de perto esta intelligente machina (a imprensa), esta prodigiosa fera, cujo appetite augmenta na proporção do alimento que lhe dão, o jornal é a obra colossal do dia. Carece de trabalhadores infatigaveis, de espiritos activos, claros e laboriosos, de soldados sempre promptos na brecha, de homens

que sacrifiquem o repouso e o sangue a esta tarefa sem fim, mythologicamente representada pelo tonel das Danaides. O jornal é o motu-continuo, procurado ha quatro mil annos pelos mathematicos. Uma vez lançada esta locomotiva sobre o carril da publicidade, caminha sem descanso, a toda a força do vapor, mostrando o fumo das suas inspirações, coleras e enthusiasmos. Passa, ardente e rapida como os mortos da ballada alemã, e não parará, fatigada da carreira, senão quando lhe faltar o ultimo leitor, isto é no dia do juizo final.

«A imprensa chamou-se a si mesmo — o terceiro poder do estado. Parece-nos que foi muito modesta. Em nosso entender o unico poder do estado, é o serenissimo poder da opinião, representado pelos jornaes.»

B.

ESTUDOS SOBRE A PRIMITIVA EGREJA CHRISTÃ.

Conclusão.

COSTUMES DOS FIEIS.

A oração era a primeira e principal occupação dos fieis. Faziam-na em commum. Era ordinariamente de manhã e à noite, a que hoje chamamos Laudes e Vesperas. N'ella se exhortavam a consagrar assim o principio e fim do dia, pois que as occupações temporaes só devem ser accessorios das espirituas. Recomendava-se aos christãos que empregassem o tempo antes de adormecerem em recitar os psalmos, e a oração dominical, e o credo todas as manhãs, e nas occasiões de algum perigo. Todos os trabalhos, como a lavoira, a sementeira, a ceifa, a colheita etc., principiavam e acabavam com orações. A saudação no começo de uma carta, e quando se encontravam nas ruas não era unicamente um testemunho de amisade, era igualmente uma oração. Nas menores acções serviam-se do signal da cruz, como de uma benção mais abreviada.

O exterior dos christãos era severo e desalinhado, simples e ao mesmo tempo grave. Não usavam côres vivas, nem sedas, nem anneis, nem joias, nem cabellos frisados, nem perfumes, nem banhos muito frequentes, n'uma palavra de nenhuma d'essas coisas que podessem excitar o amor sensual e a voluptuosidade. Evitavam os espectaculos publicos, e os jogos. A maior parte dos fieis eram casados, porque odiavam o celibato dos pagãos, que induz á libertinagem e devassidão. Viviam em commum, chamando-se paes, filhos, irmãos, irmãs, conforme a idade e o sexo. Esta união mantinha-se pela autoridade de cada chefe de familia, e submissão ao bispo e sacerdotes, que eram os primeiros a servir de modelos ao resto do seu rebanho.

Havia grande cuidado em esmolar os pobres. Não se classificavam porém n'este numero os que podiam trabalhar.

Os christãos acudiam a soccorrer e assistir aos enfermos; e nas calamidades publicas eram os primeiros, talvez os unicos, que se expunham a consolar os seus compatriotas. Olhavam a morte como a porta da Eternidade. Como na maior parte viviam bem, mais a desejavam do que a temiam; menos se affligiam com a perda temporal dos seus parentes e amigos do que se regosijavam com a sua felicidade eterna, e esperanza de os tornar a ver no ceo. Encaravam a morte como um somno, e d'ahi vem o nome de *cemiterio*, que em grego significa *dormitorio*. Para melhor testemunharem a fé da resurreição, tinham grande cuidado nas sepulturas: enterravam os corpos, depois de os embalsamarem, cobrindo-os com estofos mui finos, e telas preciosas: deixavam-n'os expostos por tres dias, durante os quaes se velava e orava junto ao cadaver: depois era conduzido ao tumulo, acompanhando-se o funeral com muitas tochas e fachos, cantando-se psalmos e hymnos, e offerecendo-se o sacrificio para impetrar a misericordia divina em favor dos finados: dava-se aos pobres o festim, a que tambem se chamava *agapas*; e varias esmolas: ao fim de um anno renovava-se-lhes a memoria, e assim annualmente, além da commemoração que se fazia todos os dias do santo sacrificio. Muitas vezes enterravam-se com os corpos diferentes coisas, para honrar o defunto, como os distinctivos da sua dignidade, os instrumentos do seu martyrio, cruces, o Evangelho, e medalhas com o seu nome gravado, d'onde veiu o uso dos epitaphios. O corpo deitava-se de costas, com a face voltada para o Oriente. Havia grande devoção em se enterrarem os corpos junto ás sepulturas dos martyres, e d'ahi proveiu o costume dos enterramentos nas egrejas.

Esforçavam-se os christãos em conservar-se em paz com todos, e viverem de modo que os seus mortaes inimigos nada tivessem que lhes dizer. Não fallavam de religião com aquelles que não estavam dispostos a ella, e limitavam-se a orar por elles, edificando-os por via da paciencia e boas obras, retribuindo-lhes incessantemente o mal pelo bem. Nunca se queixavam do governo, nem fallavam com desprezo das autoridades; honravam-nas e obedeciam-lhes em tudo quanto não induzisse á idolatria; pagavam os tributos, não só sem resistencia, mas até mesmo sem murmurar. Longe de excitarem sedições e revoltas, nunca tomaram parte nas conspirações forjadas contra os imperadores; foram os unicos que não trataram de se desfazer de Nero, Domiciano, Commodo, Caracalla, e outros tyrannos.

Taes foram os primeiros christãos, os seus costumes, usos, e disciplina da Igreja primitiva.

SAXONIA.

Dos antigos saxonios dizem os historiadores mais graves, que eram homens de aspecto ter-

rivel, olhos irados, e de condições ferozes. Viviam com grande brutalidade, observando porém sempre exactamente a sua palavra. Costumavam jurar sobre as armas, e era-lhes prohibido comer ou conversar com os perjuros, sob pena de serem exterminados em tempo de paz, e condemnados á morte em tempo de guerra. Adoravam uma divindade a que chamavam Arro, e sacrificavam-lhe a decima parte dos homens que aprisionavam nas guerras que continuamente traziam com os visinhos.

A maior parte dos seus templos e dos seus idolos foram destruidos quando Carlos Magno venceu e sujeitou estes povos, que, justiça é dizer, foram sempre bellicosos.

O padre Bouhurs, autor da *Historia secreta da Polonia*, descreveu o povo de que tratamos, e em geral o alemão, como homens que não teem mais officio do que comer, desafiando-se por apostas a quem hade beber mais. Verdade é que este defeito é excessivo nos saxonios, e especialmente no uso da cerveja, que mui galantemente pretendem não seja vicio embriagarem-se com esta bebida, porque dizem que S. Paulo só condemnara o excesso a respeito do vinho. Outros autores os descrevem de grande estatura, fortes, robustos, e de muito bom natural, sendo de todos os alemães os que mostram mais doçura, e mais agrado nas suas praticas.

Presam-se muito os fidalgos saxonios da sua nobreza; e bem que hoje alguma mudança haja na sua antiga ufania, contudo no geral não tratam de commercio, nem fazem allianças com os mercadores ou homens de negocio, ainda que d'ellas lhes resultem grandes conveniencias. Quando um nobre casava com a filha de um mercador, ou de outro qualquer que não correspondia á sua qualidade, era desprezado de todos, que por vileza lhe chamavam:—sacco de pimenta! Até n'estes casos chegavam a correr grande risco de serem mortos pelos parentes.

Quando casam, quando lhes nascem filhos, e tambem quando morrem, se fazem grandes festejos nas suas casas, onde concorrem todos os fidalgos e senhores, mesmo sem serem convidados.

A religião predominante é a lutherana, porém ha livre exercicio de culto. As pessoas de qualidade fallam quasi todas francez e italiano. Um escriptor do seculo passado diz que a Saxonia podia pôr em campo, em menos de quatro dias, mil e duzentos senhores seus feudatarios, com oito mil cavallos, e vinte mil homens de pé.

PRELUDIOS POETICOS

DE

J. RAMOS COELHO.

Com este titulo saiu á luz um volume de poesias, de 300 paginas, nitidamente impresso, com o retrato do autor. Vende-se nas lojas do costume — preço 500 réis.